

Pobreza avança

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Publicado em 16/09/18 - 03h00 O aumento da pobreza que se vê nas ruas parece ainda maior nas estatísticas. Nas contas do reputado FGV Social, a proporção de pobres no Brasil subiu de 8,4% no fim de 2014 para 11,2% no término de 2017: um avanço de 33% em apenas três anos. Agora, são 23,3 milhões de brasileiros vivendo com menos de R\$ 233/mês, um contingente maior que a população chilena. Em outras palavras, o país tem hoje uma pobreza do tamanho de um Chile. O quadro fica mais dramático quando se olha para os lados: a pobreza avança em todo o continente latino e já rompeu os 30% em 2016, último dado da Cepal, entidade dedicada ao estudo da economia na região. Consolo vizinho O Brasil com seu 'Chile de pobres' pode até se considerar em boa situação, se comparado à Argentina. Os dados variam muito no país vizinho, carente de estatísticas confiáveis. Dependendo da fonte, o índice de pobres passa de 28,6% a 31,3%. A Cepal estimou 30,7% em 2016. Seja como for, quase um terço dos argentinos está vivendo na pobreza. Só na província de Buenos Aires há 1.600 favelas. E vai piorar com as medidas recentes do governo para estabilizar o peso e deter a inflação, todas de cunho recessivo. Os dois mundos O avanço da pobreza entre latinos reflete o baixo dinamismo da região, que não deve crescer mais de 1,5% este ano segundo previsão da Cepal feita há 15 dias. Em contraste com a exuberância dos países ricos, a região estagnou. A diferença entre o mundo rico e o latino fica nítida no desemprego, que é pequeno nos EUA, Reino Unido, Japão e Alemanha enquanto sobe há três anos em nossa região. O desemprego médio na América Latina, de 9% segundo a OIT, pode não parecer tão alto perto da taxa brasileira de 12,3% (IBGE). Porém, é mais que o dobro do índice americano ou quatro vezes o japonês. Sem contar que, segundo a Cepal, quase metade dos ocupados na região latina trabalha no mercado informal ou em funções precarizadas. Conta da virada Impossível ignorar: dez anos depois do crash de 2008, completados ontem, o epicentro da tormenta financeira que abalou o mundo, os EUA, vivem o segundo maior ciclo de expansão em 150 anos, e seus parceiros ricos vão de bem a melhor. Uma reviravolta impressionante, da quebradeira à pujança. Como se conseguiu a proeza? Parte da resposta é a criatividade financeira dos bancos centrais ricos. E outra parte está na crise que vai pegando os emergentes. Afinal, a conta tinha que sobrar para uma parcela do mundo. Bola da vez Atualizando o desenrolar da crise dos emergentes, o governo da Turquia capitulou nessa semana e subiu os juros para agradar investidores. Resistiu por semanas e acabou dando um aumento cavalares de 6,25 pontos em suas taxas. Tudo para segurar a lira, que vai derretendo e com isso pressionando a inflação interna, já em 18%/ano, a maior em 15 anos. Renata Cançado, Juliana Calmon, Orville de Conti e Daniela Mascarenhas. Sacolinha Sem apoio de grandes doadores, a campanha de Pimentel está passando o chapéu entre os ocupantes de cargos de confiança. A ajuda individual se dá por meio da compra e venda de convites para jantares, além de vaquinhas. Prognóstico O diretor executivo do Ibope, Juca Colagrossi, tuitou na última sexta-feira a previsão de que o segundo turno presidencial será disputado entre Haddad e Bolsonaro. O instituto acaba de fechar uma nova bateria de pesquisas em todo o país. Parte delas deve estar sendo publicada no início da semana. Má economia O déficit do governo nacional, na projeção do mercado, deve fechar 2018 em R\$ 141 bilhões, R\$ 14,5 bilhões a menos que a meta oficial. Seria uma boa notícia não fosse o motivo da economia. O dinheiro não foi poupado porque houve mais eficiência nos gastos; pelo contrário, ele está sobrando no orçamento federal, empoeirado nos ministérios porque algumas áreas são ineficientes demais para conseguir gastá-los.